

# UM ESTUDO DE CASO DE UMA FAMÍLIA DE MIGRANTES EM TERESINA/PI SOB A PERSPECTATIVA DE ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

Érica Lays Soares Silva (UESPI)<sup>1</sup>  
ericalays@live.com

## Introdução

A migração de famílias rurais para zonas urbanas é um fato crescente e notório no País. Acontece que esse fato acarreta diversos fatores, entre eles, a questão da fala. Sabe-se que o falar rural é notadamente diferente do falar urbano por motivos vários haja vista que a população rural vive em pequenos povoados, em áreas comuns, sendo ligadas por um sentimento de solidariedade entre si, distribuindo tarefas entre os membros, tais como, atividades agrícolas, religião e lazer.

Ao migrarem para centros urbanos em busca de melhores condições de trabalho, educação e saúde, há um perceptível choque linguístico entre a fala subjacente e a língua padrão estabelecida na zona urbana. Por isso, buscou-se observar aspectos fonológicos de uma família de migrantes na Vila Irmã Dulce, Teresina-PI, traçando um perfil linguístico com uma perspectiva de estudos de redes sociais proposta por Bortoni-Ricardo (2011) para que se possa analisar a conexão entre o isolamento das redes e a manutenção da língua dentro de um pequeno grupo inserido num ambiente metropolitano, observando se há a tendência de preservação da língua ou há a inserção da linguagem culturalmente dominante no seio dessa família.

Podemos conceituar redes de fala do indivíduo como um conjunto de pessoas que se ligam através de conhecimento partilhado de formas de fala e modos de falar, segundo Hymes citado por Bortoni-Ricardo (2011).

As redes sociais por si só não influenciam a linguagem diretamente; tal influência ocorre na proporção que as características da rede inclinam-se a predispor as pessoas a se identificarem com um determinado grupo social influenciando nas estratégias comunicativas quando se expressa pela fala. Por vezes, poderá haver a preservação da situação diglósica enquanto o dialeto local estiver apresentado como um símbolo de distinção e da identificação dos falantes.

O presente trabalho objetiva traçar um perfil sociolinguístico de uma família de migrantes em Teresina- PI sob uma perspectiva de redes sociais. Trata-se de uma pesquisa de aplicação ou de campo, isto é, aplica-se a teoria sobre o corpus, que é, no presente caso, as falas de uma família de migrantes da zona rural piauiense a ser investigadas. Essa família instalou-se na Vila Irmã Dulce, comunidade constituída por meio de uma invasão a uma propriedade particular e depois formado um assentamento familiar de sem-teto. Podemos observar diversos aspectos fonológicos nas falas produzidas, como monotongação, a epêntese, o apagamento do “r”, do “s” e de sílaba, redução do gerúndio, substituição do “s” pelo “r”, alçamento de vogais, substituição do “va” pelo “rra” e a prótese.

No procedimento da coleta foi utilizada entrevista com pesquisa de campo por meio de questionário aberto, cadastro dos informantes através de ficha social elaborada e termo de consentimento dos dados coletados. A constituição da amostra deu-se com uma família de migrantes proveniente do povoado Campestre, zona rural do Município de Nazária, que veio morar em Teresina-PI em busca de melhores condições de trabalho e de estudo com a caracterização desta socialmente: escolaridade, faixa etária, nível

---

<sup>1</sup> Graduada em licenciatura em Letras/Português pela UESPI. Aluna especial do Mestrado em Letras - UFPI

social, como chegaram à cidade, onde residem. Os instrumentais de pesquisa que auxiliaram na construção dos dados foram: gravador, questionário e testemunhos.

A família é composta por três pessoas: uma mãe e duas filhas. A mãe tem 48 anos e possui apenas o Ensino Fundamental Menor. A filha mais velha possui 26 anos e a mais nova, 24 anos, tendo as duas o Ensino Médio. Salienta-se que os outros dois filhos da progenitora não residem no mesmo local que elas, por isso não foram ouvidos.

Esse trabalho foi realizado com a orientação da professora doutora em Linguística pela PUC-RS e professora efetiva da UESPI (Universidade Estadual do Piauí), Ailma do Nascimento Silva.

## 1. O processo de migração rural/ urbana em Teresina-PI

Devido à industrialização no Brasil, a urbanização ocorreu de maneira diversificada, sendo o Centro-Sul mais favorecido que o Norte-Nordeste, onde aquele passou a possuir maior capital e a concentrar produção, enquanto este figurou como fornecedor de matérias-primas e mão de obra (CASPM, 1999).

Após a transferência da capital do Estado do Piauí, em 1852, Teresina apresentou um relevante crescimento populacional. Entretanto, somente a partir de 1950 que Teresina mostra um acentuado aumento demográfico devido ao processo de urbanização que o País passa. (CASPM, 1999).

Desde então, Teresina tem se tornado cada vez mais urbana e menos rural com uma taxa de crescimento populacional superior a 5% ao ano entre 1950 e 1980 atraindo muitas pessoas do interior do estado que visavam melhorias na qualidade de vida e estava em busca de educação. (MELO & BRUNA, 2009).

Importante ressaltar que no final da década de 1950, o Piauí iniciou um processo de industrialização que estava acontecendo no Brasil, mesmo com uma economia frágil, mas com um forte desenvolvimento no setor terciário que provocou um crescimento populacional acelerado nos centros urbanos, principalmente em Teresina, onde se localizava a maior parte de comércio e serviços (MELO & BRUNA, 2009).

No que diz respeito a possibilidades de emprego, as fontes que ocupam a maioria da população economicamente ativa – PEA – local e de imigrantes são os setores de serviços, comércio formal/ informal e a construção civil. Diante dessa busca, a cidade cresceu e com ela os problemas se agravaram. A Capital “inchou” na periferia com um grande número de vilas e favelas onde residem pessoas que migraram tanto da zona rural como da zona urbana do interior do Piauí devido às condições socioeconômicas de sua procedência (CASPM, 1999).

O processo migratório piauiense mostra o comprometimento da qualidade de vida da maioria das pessoas do Estado, além do atraso das atividades produtivas que resultam em uma sociedade separada em classes opostas, em que a maioria possui uma economia desvantajosa e predominantemente de subsistência e dependente da minoria, que é composta pela classe dominante. (CASPM, 1999).

Contrariando o pensamento de Adas (2004), Melo & Bruna (2009) consideram que fatores de ordem natural, como as secas, que são fenômenos constantes na região, levam famílias a saírem das áreas rurais para a capital em busca da sobrevivência.

Como foco de migração interna, Teresina, mais precisamente a periferia teresinense, tem se tornado área principal de imigração procedente de áreas rurais e/ou pequenas cidades (CASPM, 1999).

De acordo com pesquisa realizada pela Comissão Arquidiocesana de Serviço Pastoral do Migrante, quando questionados sobre os motivos de sua migração na origem, isto é, os motivos de expulsão, os migrantes responderam como principais

motivos a falta de trabalho (334 vezes), a falta de moradia (108 vezes), a ausência ou a carência de serviços de saúde (99 vezes) e acompanhar a família (95 vezes).

Observa-se com esses dados que o principal motivo para as migrações em Teresina é a busca de melhores condições de vida, como os serviços de saúde, o trabalho e a moradia e que os migrantes possuíam mais de um motivo para migrar.

No tocante aos motivos da migração no destino (motivos de atração), as respostas dos migrantes revelam que a Capital foi escolhida por eles entenderem que ela poderia oferecer possibilidades de satisfação das necessidades que os impuseram a sair do local de origem. Os motivos mais recorrentes são as possibilidades de trabalho (370 vezes), de moradia (142 vezes), de acesso aos serviços de saúde (122 vezes) e de acesso aos serviços de educação (89 vezes). Outros motivos figuraram numa variedade de 134 citações.

Essas respostas revelam que os migrantes tiveram mais de um motivo para escolher Teresina como destino de sua migração. Outro dado importante é que o motivo trabalho figurou como o mais citado pelos informantes, tanto na expulsão quanto na atração, evidenciando que o desemprego faz parte da vida rural e urbana, sendo o causador principal da necessidade de buscar outros meios de sobrevivência, pois sem emprego não há renda, e sem esta, não há como assegurar uma qualidade de vida.

Quanto às dificuldades encontradas pelos migrantes ao chegarem e se instalarem na Capital, alguns enfrentaram menos problemas e outros mais. Analisa-se que as dificuldades preeminentes encontradas pelos informantes foram encontrar trabalho (356 vezes), encontrar moradia (301 vezes) e saudades (111 vezes), dificuldades de tratamento de saúde (59 vezes), dificuldades de estudo para os filhos (40 vezes), dificuldades de integração social (16 vezes) e sentirem-se discriminados socialmente pelo fato de serem migrantes (16 vezes). Além desses, outras 36 citações foram referidas.

Ainda sobre a pesquisa da CASPM (1999), verificou-se que a maior parte dos migrantes é natural do próprio Piauí (75,87%), depois do Nordeste (22,29%) e, por último, de outras regiões do Brasil (1,84%) chegando à conclusão de que Teresina é a principal atração de migrantes provenientes do próprio Estado. Em relação ao local de origem, a maioria é oriunda da zona rural (65,56%) tanto em relação aos imigrantes piauiense quanto aos nordestinos.

Pesquisas demonstram que as pessoas costumam migrar por etapas, ou seja, fazem migrações sucessivas em busca de locais mais próximos de si a fim de superarem suas necessidades. A CASPM (1999) observou que a maioria (59,85%) dos migrantes realizaram migrações antes de chegar à Teresina, demonstrando que houve processo migratório por etapas.

Os anos 80 marcaram declínios de fluxo migratório até 1987, com alta de então até 1989. Daí até 1993 houve diminuição novamente, mas elevou em 1994 e entrou em baixa de 1995 a 1997, demonstrando um novo declínio em 1998.

Nota-se que os declínios dos fluxos migratórios foram maiores que os crescimentos, mesmo que as diferenças percentuais não tenham passado de 3,69% que se refere à queda entre os anos 1986 e 1987.

Conclui-se, portanto, que o processo migratório observado teve como motivo primordial de expulsão a falta de trabalho no local de origem, no qual os imigrantes visavam suprir essa falta ao emigrarem para a Capital do Piauí.

## 2. Estudo de redes sociais na migração rural/urbana

As transformações de dialetos rurais em variedades urbanas ocorrem através do processo de migração do campo para a cidade, da influência da tecnologia nas áreas

rurais e de uma alta movimentação populacional inter-regional, pois estas são características da sociedade brasileira atual que está emergindo de uma economia essencialmente agrária e é marcada por desequilíbrios regionais e uma desigual concentração de renda.

Observa-se um alto grau de uniformidade linguística entre os migrantes rurais que se estabelecem nas cidades, mas tendem a mesclar-se com as variedades urbanas nos quais estão inseridos.

Para que se examinem os efeitos de transição do rural para o urbano na fala de um grupo de migrantes, há um instrumento metodológico adequado para tais exames: a análise das redes sociais dos migrantes. Segundo Bortoni-Ricardo (2011, p. 15): “Uma rede social é simplesmente um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos de um grupo”. Importante observar as características dos vínculos existentes dentro das redes do migrante.

Dentre as variedades do português brasileiro, encontra-se a variedade não padrão “rurbana”, que é falada por pessoas de classes mais baixas, não alfabetizadas ou semialfabetizadas que residem na cidade com antecedentes rurais e pelos falantes rurais que possuem contato com tecnologias.

O processo social de integração brasileiro está intimamente ligado à mobilidade social e não à diferenciação étnica. A maioria dos traços não padrão da língua é caracterizada por uma estratificação gradual e não abrupta ou descontínua.

Os traços graduais ocorrem na fala de todos os grupos sociais independentemente de grau ou de seus antecedentes serem rurais ou urbanos. Já sobre os traços descontínuos ou abruptos recaem forte estigmatização por meio das normas de prestígio caracterizando uma diferença descontínua entre a fala urbana e rural. No Brasil há uma preservação de distinções dialetais favorecida pelo analfabetismo e pelo isolamento social e geográfico do País.

Nas variedades linguísticas torna-se inviável realizar uma divisão clara de uma sociedade num reduzido número de classes bem definidas, pois os grupos de *status* formam um *continuum* gradual (MONTEAGUDO, 2011).

É notório observar as diferenças regionais brasileiras, sendo a industrialização uma característica que provocou a urbanização no país nos últimos anos. Assevera Bortoni-Ricardo (2011, p. 33)

Tal tendência pode ser definida como um conjunto complexo de mudanças que inclui a introdução de tecnologia no interior, o êxodo em massa de áreas rurais, a difusão da mídia, a melhoria nos meios de transporte e uma relativa integração das comunidades interioranas à sociedade nacional.

No aspecto fonológico, as variedades brasileiras são faladas mais lentas, que têm sido analisadas como a preservação do arcaísmo do português.

As redes de comunicação e de fala tornaram-se um imprescindível construto teórico nos métodos para explicar tanto uma comunidade de fala de ampla escala como uma categoria de menor escala, como a de comunidade, além de oferecer os recursos adequados para se medir tanto a localidade comum quanto a interação primária.

Sobre os estudos sociolinguísticos de redes, afirma BORTONI-RICARDO (2011, p. 97),

Mas estudos sociolinguísticos de redes apoiam-se especificamente na visão socioantropológica de que redes densamente inter-relacionadas (no sentido de densidade moral e multiplexidade) exercem uma função de reforço normativo que resulta no desenvolvimento de resistência a forças de inovação. Em consequência, a distinção intergrupar é enfatizada e os membros de rede de tessitura miúda são isolados das influências externas, inclusive dos valores linguísticos hegemônicos.

Conclui-se que os estudos de análise de redes na sociolinguística seja um meio analítico útil que fornece a descrição sociolinguística com adequação observacional e uma interpretação de comportamento linguístico consistente com os primeiros dados observados, além de dar conhecimento os aspectos da variação linguísticas que não são percebidos pelo método simples de correlacionar as variáveis linguísticas e sociodemográficas de grande escala.

Importante observar que uma comunidade linguística é composta por várias normas e não apenas por uma, por ser fruto de uma heterogeneidade da rede de relações sociais estabelecidas dentro de cada comunidade linguística. Assim, cada comunidade linguística possui diversas comunidades de prática. Faraco (2008, p.38) pontua que se entende por comunidade de prática:

(...) um agregado de pessoas que partilham experiências coletivas no trabalho, nas igrejas, nas escolas, nos sindicatos e associações, no lazer, no cotidiano da rua e do bairro etc. Uma mesma pessoa dessa coletividade, bem como cada um de seus pares, pertence simultaneamente a diferentes comunidades de prática.

Acontece que há uma forma singular de falar em cada uma dessas comunidades e o falante pode variar seu falar conforme a comunidade de prática na qual se encontra. Para Faraco (2008, p.38) pode-se dizer que “cada falante é um camaleão linguístico”, isto é, ele se adequa conforme a situação em que se encontra.

Os estudos sociolinguísticos de redes averiguaram o nexos que existe entre a manutenção de línguas e o isolamento das redes, tanto em grupos com territórios metropolitanos, nos quais há um nível alto de coesão interna por causa da polarização de valores sociais, étnicos ou religiosos quanto em pequenos grupos nos quais estão acontecendo uma exposição de inovações.

Observar-se que quando há alternância de códigos entre os indivíduos de uma rede de tessitura miúda, esta é orientada através de uma relação direta entre a língua a situação social. Tais pessoas compreendem a sua língua como forma de valorizar o grupo social e a utiliza preferencialmente para interagir dentro do grupo independentemente do assunto abordado. Entretanto, quando pessoas de fora se aproximam eles tendem a alternar para a linguagem padrão. Mas há aqueles que alternam diferentemente por meio do assunto a ser tratado e não segue a alternância situacional. Isso é chamado pelos autores de “alternância metafórica” que acontece sempre que há frases da língua local metaforicamente inseridas na conversa na variedade padrão, eles utilizam um significado especial de confidencialidade à conversa.

Nesse sentido diz Bortoni-Ricardo (2011, p. 102) que

A preservação da situação diglósica na comunidade estará assegurada enquanto o dialeto local mantiver seu valor como um símbolo de distinção e da identificação dos falantes com seus pares.

No processo de mobilidade social de um grupo de migrantes, quando uma pessoa ascende socialmente, Bortoni-Ricardo (2005, p. 88) afirma que

(...) sua rede de interação torna-se mais heterogênea, e, conseqüentemente, de tessitura mais frouxa. O processo de difusão dialetal se intensifica, e o falante vai-se aproximando da norma culta, adquirindo uma gama mais ampla de registros e incorrendo mais frequentemente em uso de hipercorreção.

Agora, se acontece o contrário e o indivíduo permanece no mesmo status social, sua rede de interação torna-se mais densa, como uma forma estratégica de sobrevivência tendenciosa nas invasões, nos bairros periféricos ou nas favelas.

Um motivo para que se tenha uma mudança linguística envolve problemas como a origem das variações linguísticas; a propagação das mudanças linguísticas e a regularidade de tal mudança.

Importante estudarmos como ocorre esse fenômeno na língua dentro um ambiente social, pois dizia Labov (2008, p. 20) que

Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação.

Para que se entenda a mudança linguística numa comunidade é essencial que leve em conta a vida dentro da comunidade, isto é, as pressões sociais estão agindo na língua, como uma força social operando atualmente e não simplesmente no passado remoto.

A convergência da fala é uma tentativa de aproximar pessoas que se assemelham nas crenças, comportamentos e atitudes numa forma de atração mútua. Os falantes se esforçam para que haja uma similaridade com aqueles com quem buscam interagir, tratando de um processo de adaptação da fala.

Assim diz Bortoni-Ricardo (2011, p. 107-108) que

A convergência da fala, como uma estratégia para alcançar a similaridade, indica que as pessoas estão esforçando-se para cooperar e geralmente conduz a um aumento da inteligibilidade, previsibilidade e apoio na interação e, em última instância, da integração social.

Já a divergência da linguística caracteriza-se por um distanciamento do modo de falar dos ouvintes e é uma tática de dissociação social bastante utilizada por comunidades étnicas que visam manter sua identidade como distinção intergrupo.

Ao explicar como acontece o mecanismo de transferência linguística, Weinreich, Labov & Herzog (2006, p.93), afirmam que

Parece razoável dizer que a transferência ocorre quando o falante A *aprende* a forma ou regra usada pelo falante B, e que a regra então coexiste na competência linguística de A junto com sua forma ou regra anterior. A mudança então ocorre *dentro* do complexo repertório linguístico de A: um tipo é o desfavorecimento gradual da forma original em prol da nova, de modo que ela assume o *status* de 'arcaica' ou 'obsoleta'. (grifo dos autores)

Assim, obtemperam os autores que quando um falante aprende pela primeira vez uma regra de outro falante, espera-se que ele não a aprenda com total perfeição, pois não tem a experiência do falante da regra original, adquirindo uma nova regra, com alteração nos traços fonológicos, léxicos e/ou gramaticais.

Cada pessoa cria os sistemas de comportamento linguístico visando convergir ou se aproximar ao do grupo ou grupos com que ela deseja ser identificada, dependendo da ocasião, na medida em que pode identificar os grupos, possui a oportunidade e a capacidade de observar e analisar os sistemas de condutas deles, tem uma grande motivação que a leva a escolher e a adaptar seu comportamento em função dela, dispõe de considerável capacidade para adaptar seu comportamento com o sentido almejado e consegue colocar em prática tal capacidade em diversas ocasiões (MONTEAGUDO, 2011).

### 3. Análise de dados

Um método para analisar e comparar as redes de pessoas no interior de uma comunidade de migrantes seria a sociometria que é um tratamento quantitativo das relações humanas quanto a preferências servindo como medição de contatos interpessoais podendo comportar diferentes técnicas de medidas, coleta de dados e análise de padrões interacionais.

Sobre esse método, diz BORTONI-RICARDO (2011, p. 900) que

A mais importante contribuição desse estudo, de um ponto de vista sociolinguístico, é que ele fornece uma técnica quantitativa experimental confiável para a aferição do volume de comunicação, bem como das características dos canais comunicativos no interior de uma dada comunidade.

Com isso, observa-se que os dados obtidos por meio da pesquisa sociométrica tencionam a ser bons meios de processos sociais dinâmicos na comunidade e podem ser reinterpretados pela sociolinguística ao comparar as redes de indivíduos inseridos em uma comunidade de migrantes.

O tempo de duração da entrevista com a informante 01, 26 anos, Ensino Médio, foi de 00:10:22 min. Com a informante 02, 48 anos, Ensino Fundamental Menor, foi de 00:09:59 e com a informante 03, 24 anos, Ensino Médio, 00:10:10.

Estudos de cunho variacionista sobre a concordância no português brasileiro atestam que o apagamento de consoante em posição final de palavra pode gerar a perda da flexão de número e afetar a regra de concordância nominal pela supressão do -s final. Na variedade popular como nos estilos não monitorados da fala, o morfema do singular tende a substituir o morfema do plural quando há redundância dessa marca. Isso ocorre tanto em variações rurais quanto urbanas. Portanto, diz-se que tais simplificações fonológicas resultam de um processo de pidgnização que aconteceu em estágios iniciais da história da língua no país. Os excertos da entrevista com a informante 01, 26 anos, Ensino Médio, a seguir revelam este aspecto:

(1) *Com certeza. A escola é seguro sim. Mais, assim, a escola pública tem, deixa a desejá, né? De alguma forma deixa e bem, né? Deixa muito mermo.*

Neste excerto, observamos a supressão da consoante -r no final da palavra “desejar”, tornando-se “desejá”. O apagamento de tal consoante nessa posição é uma regra variável que apresenta uma estratificação gradual no português do Brasil, ou seja, esta regra emerge indiscriminadamente em todas as classes sociais, independente do grau de escolarização.

Como podemos atestar nos dados de fala da informante 02, 48 anos, Ensino Fundamental Menor, a seguir, que ilustram esse posicionamento:

(2) *Quando eu vim pra cá, quando eu vim foi uma cumade minha que me convidô pra mim vim pra cá. “Cumade, é bom tu consegui uma casinha pra ti na vila, muié, luta porque aqui tu fica aqui só se acabando, quebrando coco, lutando com roça, depois tu vai adoecer. Vamo lá vê se a gente consegue.”. Aí nós viemo, depois que a gente marcava aqui pa gente, de repente aparecia uma pessoa.*

O apagamento da consoante fricativa alveolar, que geralmente marca o plural, demonstra a tendência do português brasileiro de privilegiar a forma no singular em oposição ao plural. Marcas redundantes tendem a ser ocultadas na frase nominal, preservando-se, apenas, o plural no morfema do primeiro determinante. No caso acima, temos “*nóis viemo*” demonstrando esse traço gradual da perda da concordância.

Outro caso de apagamento de consoante são os segmentos fricativos alveolares finais não morfêmicos, como os nomes no singular e advérbios. Apesar de serem poucos prováveis de acontecer, nota-se tal caso no excerto a seguir, da fala da informante 02, 48 anos, Ensino Fundamental Menor:

(3) *Ah, teve sim, já que pelo meno minha casa, né, ganhei atravé no nome do projeto de Lula, né? Foi bom.*

Observa-se, neste exemplo, que houve a supressão da consoante -s nas palavras “*meno*” e “*atravé*”, que correspondem a “*menos*” e “*através*”, parecendo ser um traço abrupto e descontínuo, característico de dialeto rural e de variedades rurbanas. Importante ressaltar que o apagamento ocorreu no final de sílabas átonas.

As transcrições a seguir apresentam a recorrência de traços de supressão de consoante no final de sílaba, conforme produziu a informante 01, de 26 anos, Ensino Médio:

(4) *Assim, porque tudo era ele, né, a mãe num era acostumada a trabalhar nem nada, aí nós éramos quatro, aí quando o pai morreu, a mãe tinha que ir pa roça, o meu irmão era bem pequenininho, uns sete ano, aí tinha que ajudá ela.*

As análises de fatores estruturais, como a análise de Head (apud Bortoni-Ricardo, 2011), apontam que o -r final é apagado mais facilmente em infinitivos verbais que em nome, como ocorre com a palavra “ajudá” em que se suprime o -r final. Outro fator que corrobora com essa supressão, é o fato de haver uma vogal no segmento seguinte. Nesse caso, “*ajudá ela*” vem logo em seguida a vogal -e, facilitando o apagamento.



As palavras seguintes são excertos da informante 02, de 48 anos, Ensino Fundamental Menor, que revela outro processo fonológico que é a epêntese, como podemos atestar:

(5) *Assim, esse negócio de governo eu nem entendo assim muito o que é que ele (...) faiz, que ele (...) não, mais o pessoal diz que ele, né, que ele trabalha bem, né?*

A epêntese de uma vogal que modifica a estrutura silábica CVC (consoante, vogal, consoante) em duas sílabas, CV CV (consoante/vogal, consoante/vogal), é um processo muito produtivo no dialeto rural, como podemos verificar na palavra “*faiz*”, contribuindo para a formação de sílabas abertas. Temos como segmento final o fonema /s/. Entretanto, pode também afirmar que esse fenômeno de acréscimo de segmento, neste caso, é bastante recorrente por falante da zona urbana.

Outro processo fonológico é a monotongação de alguns ditongos decrescentes. Tal aspecto apresenta uma estratificação gradual, pois em certos contextos linguísticos estão quase todos reduzidos, até mesmo no estilo formal da língua padrão urbana. Já em outros contextos, o traço redutivo tem sofrido estigmatização e funciona como indicação de dialetos rurais e vernáculos urbanos sem prestígio social. Para atestar este fenômeno, vejamos o excerto seguinte da informante 03, 24 anos, Ensino Médio:

(6) *Porque as coisa tão bem mais, as pessoa num dão mais valor, as pessoa ficam, mistura as coisas, bebida, tudo... As pessoa num tem mais respeito um pelos otro e acaba brigano.*

Reduzir o ditongo decrescente é uma das tendências gerais para sílabas abertas. Observamos no caso acima, “*otro*” em vez de “*outro*”, a monotongação de /ow/ por simplesmente /o/, em que há supressão da semivogal -u e o alongamento da vogal -o. A literatura sobre a evolução da língua já destacava esse fenômeno como muito recorrente na produção linguística.

No texto a seguir, a informante 02, de 48 anos, retrata sobre os motivos que a fizeram a sair da zona rural para a cidade e podemos também perceber o processo de monotongação:

(7) *O que fez eu vim pra cá, primera vez que comecei a vim mermo foi ar menina, né, que começaram vim e eu num queria deixá elas ficá só, né? Ai eu terminei vino pra ficá com elas.*

Bortoni-Ricardo (2011) lança duas hipóteses que podem ser verificadas no vocábulo “*primera*”, nas quais consistem em que há mais reduções em ditongos decrescentes em sílabas átonas e que o segmento consonântico seguinte influencia a redução devido a sua natureza ser de assimilação homorgânica. Portanto, o ambiente mais favorável é uma consoante homorgânica<sup>2</sup>, no caso o -r, à semivogal a ser suprimida, no caso -i. Entretanto, a redução de /ej/ não considera a diferença entre sílabas tônicas e átonas.

Já o ditongo /ow/, no que diz respeito à redução, é praticamente enfática em todos os ambientes, conforme excerto produzido pela informante 01, 26 anos, Ensino Médio, no qual verificamos o vocábulo “*passô*” como redução de “*passou*”:

---

<sup>2</sup> De acordo com os estudos fonéticos, o segmento consonantal homorgânico é aquele que apresenta os mesmos órgãos articulados no ato da prolação.

(8) *É sim. Aqui mermo, passa direto, os cara direto. Essa semana passô uns correno de assalto, aqui na rua mermo. Passa direto.*

Quanto aos ditongos formados por /j/ e seguidos por uma vogal, há uma redução bastante peculiar, pois uma *glide* é inserida na pronúncia padrão formal, resultando em dois ditongos, o que ocorre de maneira diferente no excerto abaixo, da fala da informante 02, de 48 anos, Ensino Fundamental Menor, na qual há a supressão da *glide* na palavra “*veĩ*” que deveria ser “*veio*” ou /vej<sup>i</sup>u/:

(9) *Assim que o Zé morreu, eu vivia mais era aqui lavano ropa, trabalhano na casa da cumade Socorro, né, casa da dona Maria, ficava ino e vino, ino e vino, aí depois que a gente conseguiu essa casinha aqui, elas decidiram a vim, aí vei primero a Aline, depois vei a Kaline. Aí depois o Bira quis vim também, terminô que vino todo mundo.*

Observa-se também que os ditongos que se formam pela vocalização do /l/ tem sofrido redução, conforme se vê na opinião da informante 01, 26 anos, Ensino Médio, sobre a diferença entre a vida na zona rural e a zona urbana:

(10) *Que no interiô tudo é mais (...), é emprego, né? Tudo. Assim, lá é mais difíci, a escola também, pra mim terminar o Ensino Médio, aqui é melhor, aqui num é cem pur cento, mar é melhor, né?*

No vocábulo “*difíci*”, há a supressão do fonema /l/ pós-vocálico, lembrando que o apagamento da consoante final é uma regra constante no dialeto rural.

Pode acontecer o apagamento de /r/ em encontro consonantais de uma oclusiva ou fricativa plana mais uma lateral, como produz ainda a informante 01, 26 anos, Ensino Médio, enquanto relatava um fato que marcou sua vida:

(11) *Eu ficava em casa, de manhã eu ficarra em casa, de tarde ia po colejo, de manhã fazia as coisa dento de casa e de tarde ia po colejo, foi duro. Com certeza, e o meu irmão mar novo tinha um ano (...) foi a época mar dura (...) E assim, ela serve como exemplo, pode crê, que ela serve mermo (...)*

Podemos verificar o apagamento do /r/ na palavra “*dento*” que se referencia a “*dentro*”. Tal processo remonta a um traço descontínuo, levando em conta dois fatores: a ocorrência da neutralização em falantes da língua padrão por problemas articulatórios ou a reprodução em sílabas átonas finais pelo não monitoramento linguístico do padrão coloquial.

No depoimento da informante 02, de 48 anos, podemos perceber uma variação da lateral palatal /ʎ/:

(12) *Que ele pediu, nesse tempo ele pediu trinta reais nesse tempo. Nesse tempo era mar dinheiro, nera(...) Aí eu só tinha quinze, aí dei os quinze, aí lutano lá no interior que arranjei os otro quinze, aí comprei o pedacim aqui. (...) Aí nós fizemo uma casinha de palha, era ela de paia e tampada de barro e aí depois eu ganhei no projeto quando vei ar primera casa aqui ar nossa foi as primera. (...)*

A variação “paia” da lateral palatal /ʎ/, “palha”, é geralmente vocalizada no dialeto rural e em variedades rurbanas, funcionando como um traço descontínuo típico que foi bastante estigmatizado.

No tocante às variações de vogais no dialeto rural, é importante conhecer que trata-se principalmente da sílaba pretônica. Consoante Bortoni-Ricardo (2011), agrupam-se em dois casos as variações de vogais: primeiro, aqueles que acontecem no âmbito das séries anterior e posterior de vogais, conformando-se ao padrão de flutuação de vogais pretônicas e, em segundo, as alternâncias mais esporádicas entre as vogais anteriores e posteriores não ocasionar uma tendência sistemática.

Corroborando com essas observações, temos ainda a fala da informante 02, 48 anos, Ensino Fundamental Menor:

(13) *Hoje do jeito, apelo meno aqui nesse colejo bem aqui num é não, num é seguro não por casa, por casa derse mininu, né, que aqui é (...) aqui é mei pirigoso, ontem mermo aqui teve uma (...) robaram ali um celular ali na escola então num é seguro não.*

No referido caso, temos duas variedades, “mininu” e “pirigoso”, nas quais podemos constatar que as vogais pretônicas do dialeto rural estão submetidas a processos de elevação pela regra de harmonia vocálica, conforme assevera Silva (2009).

Observemos no excerto a seguir, continuando na fala da informante 02, 48 anos, Ensino Fundamental Menor, um caso de prótese:

(14) *É aqui, eu apelo meno aqui na nossa rua aqui antes desse colejo aqui era calmo, né, mar agora depois desse colejo aqui, aqui já teve um bucado de coisa, um bucado de poblema já aqui, mas eu num acho assim tão, eu tô, tô bem aqui, né, mais aqui tem um lugar pirigoso, né, os pessoal comenta, ali pa cima, mar aqui depois que teve esse colejo aí aqui piorô. (...)*

Na expressão “apelo meno”, podemos perceber a prótese de um /a/ no início da palavra com consoante, sendo comumente utilizado no português não padrão em Portugal, tornando-se um caso típico de dialeto rural.

Partilhando de sua opinião sobre violência contra a mulher, temos a seguinte fala da informante 03, 24 anos, Ensino Médio:

(15) *Com certeza. (...) Os homens, em geral, eles têm muito ciúmes e acaba atingino a gente de uma forma (...)*

Podemos ver outra regra gradual do português não padrão que se realiza bastante no dialeto rural, que é a assimilação do /d/ na sequência /nd/, como no caso de “atingino”, ocorrendo mais nos casos de gerúndio.

## Conclusão

Este trabalho abordou o perfil sociolinguístico de uma família de migrantes em Teresina-PI por meio de análise em redes sociais. Para tanto, fez-se necessário a utilização de bases teóricas sobre Sociolinguística para que o referido trabalho tenha sido realizado e concluído.

Além disso, é importante ressaltar a contribuição de noções de Redes Sociais, Mudança Linguística, Traço Gradual, Traço Descontínuo e Variedade Rururbana para a

análise do *corpus*, qual seja a produção oral das informantes colhidas por um gravador. Tais conceitos contribuíram imensamente para pontuar sobre cada aspecto singular das falas produzidas.

Foram discutidos aspectos do processo migratório em específico para a cidade de Teresina. Faz-se necessário compreender como surge essa necessidade de pessoas deslocarem-se de seu lugar de origem para outro em busca de melhores condições de trabalho, saúde e educação.

Foram tratados os estudos sociolinguísticos sob a perspectiva de estudos em redes sociais. Foi explanado, também, o fenômeno da mudança linguística.

Realizou-se uma análise sociolinguística das falas produzidas por informantes do bairro Vila Irmã Dulce. Podemos perceber traços graduais que ocorrem em falantes indiscriminadamente, independente do grau de escolaridade. Por outro lado, percebemos traços descontínuos típicos de variedades rurbanas e mais próximo do dialeto rural. Mudanças de estruturas silábicas observadas nas falas demonstram ser recorrentes até mesmo na variedade urbana. Já a monotongação dos ditongos, apesar da recorrência também na língua padrão urbana, pode ser motivo de estigmatização dependendo do contexto.

Desejamos que a pesquisa realizada seja fonte de inspiração para a continuação de estudos sociolinguísticos sob a perspectiva em análise de redes sociais, explorando ainda mais aspectos fonológicos não vistos ou não observados nesse trabalho.

#### Referências bibliográficas

- ADAS, Melhem. Sergio Adas, colaborador. *Panorama geográfico do Brasil: contradições, impasses e desafios socioespaciais*. 4. ed. São Paulo: moderna, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- (\_\_\_\_\_\_). *Nós chegemu na escola, e agora? : sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MELO, Constance de Carvalho Correia Jacob. BRUNA, Gilda Collet. *Desenvolvimento urbano e regional de Teresina, Piauí, Brasil e sua importância no atual quadro de influência na Rede Urbana Regional no Brasil*. Trabalho apresentado no 1º Congresso de Desenvolvimento Regional de Cabo Verde em 2009.
- MIGRANTE, COMISSÃO ARQUIDIOCESANA DE SERVIÇO PASTORAL DO. *As condições socioeconômicas do migrante da periferia da cidade de Teresina. (1985-1998): relatório de pesquisa*. Teresina: 1999.
- MONTEAGUDO, Henrique. *Variação e norma linguística: subsídios para uma (re)visão*. In: BAGNO, Marcos & XOÁN, Lagares (organização): *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011..
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.